

Prefácio

Martin Cezar Feijó

Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP,
Professor na Faculdade de Comunicação da FAAP
e autor de vários livros, entre eles
O Revolucionário Cordial (Boitempo).

Vivemos tempos sombrios. Não os mesmos, claro, que a filósofa Hannah Arendt (1906-1978) tão bem descreveu em *Men in the Dark Time*, a partir de microbiografias de intelectuais que marcaram seu período de atuação filosófica. Vivemos uma época de fim das utopias das macronarrativas, marcada pelo esgotamento de pactos que facilita uma cultura do ódio em todos os níveis, expandindo-se principalmente pelas redes sociais.

Mas também vivemos uma época inaugurada pelo período de revoluções que ainda não cumpriram seus desígnios, principalmente a revolução inaugurada pela França em 1789. O lema da Revolução Francesa foi constituído de três palavras: liberdade, igualdade e fraternidade. E a partir daí, se descobriu que são três aspirações que quase nunca estiveram na prática juntas: onde houve liberdade, isto se deu à custa da igualdade. Onde houve um princípio de igualdade, foi ao preço da eliminação da liberdade. E fraternidade, a não ser no discurso religioso de matriz católica, não houve em nenhum momento.

O que Maria Rosaria Manieri propõe neste belo livro que este texto antecede é exatamente pensar nesta categoria – a da fraternidade – não como exclusividade de uma ética de fundo religioso, mas de uma perspectiva política. E para isto faz um passeio pelas ideias que enfrentaram o tema no plano filosófico. O que Manieri

defende é algo bastante pertinente da importância do conceito do ponto de vista político em benefício da democracia que aspiramos: “A fraternidade é aquele princípio-valor que, solidamente ancorado no horizonte moderno da liberdade e da igualdade, impele às forças centrífugas da cultura e do individualismo pessoal a buscar “o justo equilíbrio” necessário ao revigoreamento e à credibilidade das democracias ocidentais.”

O último texto publicado pelo grande poeta Ferreira Gullar (1930-2016) foi sobre solidariedade, publicado pela *Folha de S. Paulo* exatamente no dia de sua morte (4 de dezembro de 2016). Nesta coluna, em espaço no qual publicava, todos os domingos, suas reflexões sobre uma época marcada por falências históricas de projetos utópicos, incluindo o marxismo que pautou sua vida política e cultural; e propunha na linha deste livro uma possibilidade de um avanço em torno da possibilidade de uma sociedade igualitária:

Mas, para que esse avanço prossiga é necessário reconhecer que o sonho marxista estava errado, ainda que bem intencionado. Se insistirmos nos dogmas ditos revolucionários – como a luta de classes e a demonização da iniciativa privada –, não sairemos do impasse que inviabilizou o regime comunista onde ele se implantou.

Necessário reconhecer, como faz Maria Rosaria Manieri neste trabalho, que também avança na constatação de que a valorização do indivíduo na questão da transformação é fundamental do ponto de vista político de quem aspira uma sociedade mais livre, mais igual e, claro, mais fraterna.

Pode haver uma dificuldade operacional nesta proposta, também utópica, mas sempre é possível lutar contra o que parece impossível, já que pensadores fundamentais da tradição filosófica ocidental, principalmente a moderna, mesmo a partir de matrizes diferentes, sempre entenderam os princípios que moti-

varam as ditas revoluções burguesas, os quais ganharam um estatuto universal, mesmo nestes tempos sombrios, de preocupante e avassaladora cultura de ódio disseminada pelas redes sociais e algumas práticas políticas.

Mas quem disse que um verdadeiro princípio revolucionário, a favor da humanidade, seja algo fácil?

Esta não é uma tarefa para fracos e conformistas, claro. E a publicação de um livro como este é um passo que agradaria o poeta Ferreira Gullar.

São Paulo, 01 de junho de 2017.